

1. O Parque Jurássico¹

Maria do Céu fechou atrás de si o portãozinho do número 12 da *Avenue Godefroy* e olhou para os dois lados da rua com um sorriso. Direita, ou esquerda? Tanto fazia. Decidiu ir até a *Gare des Aux Vives* e tomar um café por lá. Adorava os prédios que ficavam diante da velha estação e a manhã ensolarada convidava a um passeio. “O último das férias”, pensou. No dia seguinte voltaria para o Brasil, para o inverno chato e úmido do sul e para as provas do segundo semestre.

“É melhor parar de pensar nisso”, ela ralhou consigo mesma. Andou sem muita pressa, e dobrou na *Rue de Savole*, desembocando no cruzamento com a *Route de Chêne*. Uma vez lá, tomou um daqueles bondes elétricos

¹ *Jurassic Park*, Michael Crichton, 1990.

charmosos e, mudando totalmente de ideia, foi até o canal para ver pela última vez a *Ile Rousseau*, o arco-íris do jato d'água do Lago Laman e as montanhas. Fazia um dia excepcionalmente bonito e quente, mesmo para os padrões da brasileira.

As férias tinham sido um completo sucesso. Naqueles poucos dias, Maria tinha passeado e se encantado com os jardins, os museus, a *Vieille Ville*, o bairro velho com seus cafés, a silhueta branca e majestosa do Mont Blanc, e a riqueza a cidade. Apesar de todos os chocolates, *capucinos* e *foundues*, tinha certeza de que diminuía um bom par de quilos, só por conta das caminhadas. O tênis que tinha trazido estava detonado e ela gastara muito mais do que imaginara em um par simples em uma loja da *Rue du Marché*.

Maria do Céu viera para Genebra com a mãe, e Genebra era uma cidade rica, cheia de vida, com tantas referências culturais e políticas, que à noite, quando deitava a cabeça no travesseiro, mal conseguia dar conta de tudo o que vira durante o dia. Era como comer demais, mas em vez de encher o estômago, tinha enchido os olhos e os ouvidos. Os relógios *Rolex* eram produzidos ali. Chocolate *Favarger* de verdade. Se muitas vezes ficara constrangida ao pedir um café em inglês, porque sabia que seu sotaque era terrível, também se surpreendera ao encontrar muita gente que falava português fluente. Às vezes, o idioma parecia estranho aos seus ouvidos, porque era o português falado em Portugal, mas outras vezes tinha o sotaque do

Brasil. Marko, um amigo de sua mãe, que acompanhara as duas em alguns passeios, explicou que havia grandes colônias de portugueses e brasileiros na cidade. Mesmo assim, Maria do Céu gostaria de arranhar alguma coisa de francês e mesmo romanche, dois dos quatro idiomas oficiais do país. Mesmo com a simpatia das pessoas, às vezes ficava muito sem jeito. Todo mundo era muito educado por lá.

Ela estava pensando em tudo isso, sentada no bonde, olhando para as paredes que passavam por ela, lamentando as paredes e os muros pichados. “Nem todo mundo é tão educado”, pensou. “Aqui eles também não escapam dos rabiscos”. Em todo o caso, ela sabia que estava hospedada na parte menos sofisticada da cidade.

Desceu no ponto mais próximo do canal e caminhou sem rumo. No balanço geral, Genebra havia lhe proporcionado dias inesquecíveis: a catedral a tinha deixado de boca aberta. Passara horas no entorno da *Place de Neuve* e nos jardins da Universidade. Assistira a uma ópera, *Turandot*, e mesmo não entendendo patavina, chorara no *Nessum Dorma* como se fosse o final da novela das seis. Museus, obras de arte, passeios, os Alpes com sua crista branca de um lado e o Jura do outro, e sua mãe mostrando a cidade que amava tanto, com carinho e entusiasmo. Depois, há três dias, o telefonema da firma pedindo que a mulher voltasse urgente para resolver alguns problemas na linha de produção. Lourdes insistira com a filha para que ficasse aqueles últimos dias, aproveitando as férias até

o final, e providenciara os papéis para que fizesse a viagem sozinha, com aquela competência que tinha lhe valido uma promoção na fábrica de carros onde trabalhava. O aluguel do quarto estava pago, a senhoria da casa falava inglês suficientemente para que ambas se entendessem e, para dizer a verdade, quanto mais pudesse curtir, melhor.

A viagem fora planejada porque a mãe ganhara algum dinheiro depois do divórcio. Ao invés de investir em uma plástica, como tinham feito muitas de suas amigas, ou num carro novo, como sua cunhada, Lourdes resolvera dar à filha um vislumbre do que era a cidade onde passava pelo menos duas semanas, todos os anos, durante o Salão do Automóvel, fechando contratos para a empresa onde trabalhava. O dinheiro não era exagerado e ela não queria gastar tudo com estadia, por isso tinham ficado na casa onde Lourdes costumava ficar sempre, o que caíra como uma luva para Maria do Céu. Ela teria detestado se hospedar num hotel daqueles pelos quais tinham passado, onde as pessoas precisam ter pelo menos três mudas de roupas todos os dias, e devem andar com o nariz no teto – ou pelo menos era isso que ela pensava, intimidada com tanta riqueza. Hanna, a senhoria da casa onde ficaram, era uma viúva alegre e gordinha, de olhos azuis e cabelos louros. Lourdes jurava que ela não pintava, mas Maria do Céu tinha lá suas dúvidas. Um tom dourado daqueles, natural? Era difícil de crer que houvesse gente no mundo com tanta sorte! Maria teria feito quase qualquer negócio para trocar suas ondas castanhas e corriqueiras por aqueles fios de ouro lisos e magníficos! Ou se pudesse ter olhos azuis

como aqueles, no lugar dos castanhos que brilhavam no seu rosto claro e sardento. Aliás, pensando bem, Hanna tinha muitas coisas de que Céu gostava, roupas coloridas, muita energia, muita vontade de viver. A brasileira só não trocava o seu sossego pelo namorado de Hanna. Roger (*Rogér*, dizia Hanna com uma risada, acentuando o “é”), era um jardineiro bonachão e alegre, que aparecia uma vez por dia, no mínimo, para conversar e tomar uma cerveja. Os dois eram ruidosos e divertidos; de vez em quando, discutiam a altos brados e, aparentemente, torciam para times distintos. Em todo o caso, não se largavam.

– Chegam a dar nos nervos – reclamara Maria para a mãe, que se limitara a sorrir.

Também era nisso que pensava enquanto admirava um barco e sentia uma pontada de fome. Pudera, com o cheiro de café que emanava de um *pub* ali perto... Atravessou a avenida, lembrando a visita que tinham feito ao castelo aquele, um “chatô” qualquer coisa, às margens do Lago Lemán. “Divô, pivô, algo assim”, pensou, sem conseguir lembrar o nome do *Château d’Yvoire*. Aliás, Yvoire tinha sido o melhor passeio da viagem! Maria jamais estivera antes em uma cidadezinha tão pequena, jamais se sentira tão cercada de flores, tão agasalhada e bem vinda. O pórtico principal onde tinham passado a pé, então, só perdera para o castelo em si mesmo. Era como estar em um filme de princesas e guerreiros medievais.

Era nisso em que pensava enquanto chegava ao outro lado da rua: no café que ia tomar, na visita à Yvoire, nas fotos, na última manhã das férias. E por isso só se deu

conta da gritaria quando a coisa toda estava praticamente em cima dela. Sobretudo o barulho, aquele ronco.

O rugido.

O primeiro que lhe chamou a atenção para o fato de que havia alguma coisa muito, mas muito, errada, foi uma mulher que passou por ela correndo, pálida, espianando sobre os ombros com os olhos arregalados. A mulher atravessou-se na frente de um carro, que buzinou alto e irritado ao frear, e por pouco não a atropelou. Maria, assim como quase todo mundo que estava na calçada, voltou-se para o quase acidente, surpresa. Então a mulher apoiou-se no capô, ignorando os berros do motorista, e voltou a correr sem nem olhar para trás.

E, de súbito, um bando de pessoas cruzou na frente do carro, gritando.

Maria pensou imediatamente que podia ser um arrastão, e preparou-se para se refugiar no *pub* à sua frente, quando alguém dobrou a esquina e a empurrou de mau-jeito contra a parede. A garota perdeu o equilíbrio e estatelou-se contra uma mesa, rolando para o meio da rua. Encolheu-se para que as pessoas que vinham correndo não a pisassem, depois levantou-se, tonta. Olhou ao redor. Do outro lado da calçada, um rapaz negro, de camiseta cinza e calças jeans sujas levantava uma senhora e a empurrava para frente.

– *Go! Go!* – ele gritou. Depois olhou ao redor e viu Maria. Com uma careta, jogou-se na direção dela, atravessou a rua e a prensou entre a parede de pedra fria e um

pilar da construção mergulhado na sombra do edifício em frente, tapando-lhe a boca com força. Falou, e levou preciosos segundos para que a brasileira reconhecesse o idioma. Inglês.

A dúvida poderia ter lhes custado a vida.

– Por favor – sussurrou o sujeito no seu ouvido – não grite, não se mova, não olhe para cima! Se ele nos ouvir, ou vir o brilho dos seus olhos, vai nos distinguir na sombra, e então estaremos mortos!

As palavras demoraram a fazer sentido. No tempo em que levou para compreendê-las, Maria quase conseguiu tirar o maluco de cima de si, mas então uma coisa enorme e marrom-esverdeada caiu em cima de um carro estacionado diante de seus olhos, rasgando-o como se fosse papelão. O alarme do automóvel disparou e depois morreu, quando a coisa se abateu de novo sobre ele. Maria olhou e olhou, sem entender. Pensou que fosse um piano, mas pianos não sangram e a coisa estava sangrando, um corte aberto pela ferragem destrozada do carro. O rugido repetiu-se ensurdecador, uma sirene de fábrica apitando dentro do seu ouvido, e ela sentiu o jovem que servia de escudo estremecer de pavor. Então a coisa se moveu, saindo de cima do carro, e outra coisa igual juntou-se a ela, equilibrando o que havia acima.

Maria olhou outra vez. A coisa ferida tinha três dedos e um esporão. E unhas – grandes, escuras e poderosas. Ela espiou o corpanzil que lhe dava as costas e compreendeu o que via.

Era um Tiranossauro Rex. Parecido com o do filme, aquele que vira tantas vezes na televisão, mas um pouco diferente.

Maior. Cheirava à carniça.

Real.

E isso foi um segundo antes da cauda do imenso animal acertar as varandas acima deles e tudo desabar.